

MACHADO DE ASSIS, AUTOR DO MITO DA CAVERNA

Cíntia de Moura Siqueira*
Escola Estadual Prof. José Mesquita de Carvalho

O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adocesse pensaria nisso. (...)
(...) Quem está ao sol e fecha os olhos
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar em muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e já não vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.

Fernando Pessoa

RESUMO

Neste trabalho, analiso o conto “Idéias de canário”, de Machado de Assis, em que o autor apresenta uma visão antimetafísica do mundo, através de uma recriação humorística do mito da caverna de Platão.

PALAVRAS-CHAVE

Mito da caverna, ciência, humor, ceticismo,
Machado de Assis

Gostaria de iniciar este diálogo entre textos com um pergunta instigante: Qual é o verdadeiro autor de um texto, quem o escreve primeiro ou quem o escreve depois, ou mesmo muito tempo depois?

Deixemos a pergunta em suspenso até que uma resposta se delineie... ou não.

Ruth Silviano Brandão, ao discutir a questão do estilo e relacioná-la com a das fontes e influências, indica-nos uma possível direção. Afirma a autora que “(...) a noção de fonte em teoria literária tem sido polêmica, já que leva a questões ideológicas, de centramento e hierarquia estéticas”.¹ “E hoje” – prossegue – “cada vez mais se privilegia exatamente os textos que produzem um descentramento, uma desterritorialização, que fazem desaparecer as fronteiras rígidas de um centro imaginário encarcerante”.²

Esse propósito teórico é exemplificado com um conto de Borges, *Pierre Menard, autor do Quixote*,³ que aborda a questão do estilo e de seus corolários. Nele, o romancista

* cinsiq@yahoo.com.br

¹ BRANDÃO. O estilete que faz escrita, p. 48.

² BRANDÃO. O estilete que faz escrita, p. 48.

³ BORGES. Pierre Menard, autor do Quixote, p. 47-48.

Menard leva a cabo o inverossímil projeto de escrever o *Dom Quixote*, de Cervantes, com todas as letras. O olhar estrangeiro de Menard, que não era espanhol, mas francês, cria um estilo arcaizante, afetado, porém mais rico e mais ambíguo que o do texto antecedente, embora os dois Quixotes fossem idênticos e escritos em espanhol. Borges consegue, com essa história que envolve questões de autoria e originalidade, ironizar a submissão da boa literatura aos centros superiores e inaugurais que são as celebradas fontes e influências. Pois, como aponta Brandão, citando Borges, “(...) o Quixote era considerado um livro ‘contingente’ e ‘inecessário’ para Menard, que não bebeu na fonte de Cervantes, mas na de Poe, que gerou Baudelaire, que gerou Valéry, que gerou Edmond Teste”.⁴

À semelhança (e diferença) de Menard (ou Borges), Machado de Assis, também um “mestre ilusionista e trapaceiro que faz armadilhas da escritura”,⁵ escreve de novo o Mito da Caverna, injustamente menos lido que o primeiro.

Machado é, sem sombra de dúvida, um leitor apaixonado e crítico de autores clássicos, dentre estes os pertencentes à Antiguidade greco-latina, como o grande poeta-filósofo Platão. Em boa parte de sua obra, podem ser encontradas marcas intertextuais provenientes de passagens pela literatura grega, como se percebe desde os títulos *Lágrimas de Xerxes*, *Píldes e Orestes* e *Uma visita de Alcibiades*, ou a personagem Prometeu, de *Viver*, até as mais sutis alusões a ideias e formas literárias de filósofos e poetas antigos.

Uma constante no seu texto é certa abordagem humorística da filosofia dita metafísica, como sucede no conto “Idéias de canário”, cujas vozes evocam, a começar pelo título, Platão e a Teoria das Ideias. A exemplo de outras criações machadianas, incluindo contos, romances e crônicas, esse pequeno texto constitui uma crítica à razão e à ciência ocidentais, tradicionalmente consideradas metafísicas, a partir do legado de Platão. Em *Papéis avulsos*, Machado já havia alvejado a ciência ou a filosofia, em particular, nos contos *O Alienista* e *O segredo do bonzo*. A afinidade entre esses temas pode ter levado o autor a uni-los num único texto: o conto “Idéias de canário”, de *Páginas recolhidas*. Transfigurando elementos narrativos do mito da caverna, “símbolo do pensamento platônico em todas as suas dimensões fundamentais”,⁶ passa a contar sua história, que já não é mais a mesma, apesar de não se desvincular da antecedente. Do mito, fica o relato de superfície, o estritamente necessário para mantê-lo reconhecível pelo leitor, e, ainda assim, em pedaços soltos, fragmentos dispersos, que deformam e reformam a construção platônica.

Segundo Benedito Nunes, o pensamento ficcional machadiano, baseado no humor, absorve filosofias e as recondiciona para zombar e rir delas, “coisa rara entre filósofos de vocação e profissão”.⁷ Com a filosofia, em sentido amplo, Machado estabelece relações

⁴ BRANDÃO. O estilete que faz escrita, p. 53.

⁵ BRANDÃO. O estilete que faz escrita, p. 53.

⁶ REALE. “Mito” e “logos” em Platão, p. 293. O autor assim compreende a simbolização do referido mito: “No centro da *República*, situa-se um mito platônico muito célebre, chamado da caverna. O mito foi sucessivamente visto como símbolo da metafísica platônica, da gnosiologia e da dialética platônicas, e também da ética e da ascensão mística segundo Platão; na verdade, ele simboliza tudo isto e também a política platônica, e hoje estamos em condição de reconhecer igualmente as vigorosas alusões de caráter protológico que ele apresenta de maneira muito poética: é o mito que exprime todo Platão e, assim, concluímos com ele a exposição e interpretação de seu pensamento.”

⁷ NUNES. Machado de Assis e a Filosofia, p. 131-132.

lúdicas, tirando-a do sério ou do convencional. O humor, ou humorismo, entendido por Nunes como “visão compreensiva do mundo em Machado de Assis”,⁸ faz-se pelos “bruscos contrastes, o choque dos contrários, as agressões ao senso comum”,⁹ etc., indo do discurso à história, do modo de narrar ao que é narrado. O resultado prático dessa visão humorística é “o gênero híbrido, meio romance, meio confissão, meio discussão de ideias, expandindo-se em digressões reflexivas e achegas eruditas (...)”.¹⁰ Guardadas as proporções, essa teorização pode ser estendida aos contos e crônicas.

Ao humorismo machadiano, se alia e se correlaciona o ceticismo ou razão cética, que é “a razão da dúvida permanente ou provisória relativamente ao conhecimento objetivo ou verdadeiro do real”.¹¹ Segundo a mesma, “nenhuma conclusão racional é auto-suficiente, remetendo a outros princípios numa cadeia infinita”.¹² Daí os cétricos praticarem a *epoché* – suspensão do juízo por meio da dúvida – após realizarem a *sképsis* – observação e investigação. Nunes define o humorista como um cético inquieto. Para o autor, Machado é um “humorista em ato”, “praticante lúdico do ceticismo”.¹³

A dúvida constitui, com efeito, um aspecto predominante em seu discurso, inclusive formal, pois este, marcado por hesitações – reticências, interrogações, e outras diversas maneiras de pontuar – põe em prática, formalmente, a *epoché*. Assim, além de suspender o juízo, “suspende” também o processo narrativo, colocando em xeque a própria representação da realidade pela linguagem. Mas voltemos, neste ponto, a Platão e ao seu mito, levando em consideração, de um modo mais geral, a noção de *mimesis* entre os gregos antigos para confrontá-la, ainda que sucintamente, com a machadiana.

Pode-se considerar a alegoria da caverna uma espécie de síntese icônica de toda a discussão realizada na *República* acerca do conhecimento e da política, tais como concebidos por Platão no séc. IV a.C. O relato mítico é um recurso narrativo, que aparece com frequência nas exposições platônicas, principalmente com fins didáticos.¹⁴ No livro VII da *República*, após fazer seus discípulos visualizarem a história do prisioneiro que se liberta da caverna e contempla o mundo exterior (livro VI), Sócrates, dirigindo-se a um deles, Glauco, deixa clara a relação analógica entre o mito e a discussão propriamente filosófica, que é o objetivo do diálogo:

⁸ NUNES. Machado de Assis e a Filosofia, p. 135.

⁹ NUNES. Machado de Assis e a Filosofia, p. 135-136.

¹⁰ NUNES. Machado de Assis e a Filosofia, p. 137. O autor utiliza aqui o conceito de *anatomy*, de Northrop Frye, aplicando-o ao que chama de “anatomia do humor” em Machado de Assis, segundo ele, “o gênero híbrido, meio romance, meio confissão de idéias, expandindo-se em digressões reflexivas e eruditas, descendente tardio da sátira menipéia, por intermédio da prosa erudita e digressiva da *Anatomy of melancholy* de Robert Burton, e dentro do qual *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires* ocupam, respeitadas as suas diferenças, um lugar à parte, ao lado do *Tristram Shandy*, de Sterne.

¹¹ NUNES. Machado de Assis e a Filosofia, p. 137.

¹² NUNES. Machado de Assis e a Filosofia, p. 137.

¹³ NUNES. Machado de Assis e a Filosofia, p. 138.

¹⁴ Cf. REALE. “Mito” e “logos” em Platão, p. 40-44.

– É preciso aplicar inteiramente esse quadro ao que foi dito anteriormente, isto é, assimilando-se o mundo visível à caverna e a luz do fogo aos raios solares. E se interpretares que a subida para o mundo que está acima da caverna e a contemplação das coisas existentes lá fora representam a ascensão da alma em direção ao mundo inteligível terás compreendido bem meus pensamentos, os quais desejas conhecer mas que só Deus sabe se são ou não verdadeiros. As coisas se me afiguram do seguinte modo: na extremidade do mundo inteligível encontra-se a idéia do Bem, que apenas pode ser contemplado, mas que não se pode ver sem concluir que constitui a causa de tudo quanto há de reto e de belo no mundo: no mundo visível, esta idéia gera a luz e sua fonte soberana e, no mundo inteligível, ela, soberana, dispensa a inteligência e a verdade. É ela que se deve ter em mente para agir com sabedoria na vida privada ou pública.¹⁵

Assim, passo a passo, Sócrates, personagem de Platão, traduz a alegoria para o discurso racional, de maneira que não resta nenhuma dúvida do que se pretende representar com esse relato emblemático de homens acorrentados na escuridão.

Imagens semelhantes são utilizadas por Machado, que não tem interesse em permanecer fiel às linhas gerais da narrativa anterior. Suas figuras são caracterizadas por aproximações e distanciamentos em relação ao “modelo” platônico. Uma série de associações, porém, permite a identificação de uma *transposição parodística* realizada na segunda narrativa. Esta se constitui, de acordo com Nunes, “como um artifício de teorização apoiado numa *imitatio* da exposição racional, argumentativa, ou do comentário de realce erudito, com o aparato das citações de autoridade”.¹⁶ Logo no início do conto, nota-se uma analogia entre o ornitólogo (ou ornitólogo?) de nome Macedo, cientista ou “amador de pássaro”,¹⁷ e o filósofo – amante ou amigo da sabedoria – não nomeado do mito. Ambos são desacreditados após passarem pela sublime experiência do conhecimento: “Um homem dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito. Alguns chegaram a supor que Macedo virou o juízo.”¹⁸

Mas a diferença mais proeminente entre as histórias, segundo penso, é que, enquanto a primeira possui um caráter mimético, já apontado acima, a segunda retoma elementos narrativos daquela, que são aqui re combinados e retrabalhados, de modo a descaracterizar a significação original do mito platônico. “Eis aqui o resumo da narração”¹⁹ – anuncia o personagem desconhecido, passando a Macedo, que passa relatar o episódio como se tivesse sido vivenciado tal e qual por ele mesmo. E o “resumo” – na verdade, a maior parte do conto – junto com a “introdução”, remetendo à estrutura polifônica da narrativa platônica, é um convite a uma releitura do mito.

Prosseguindo minha comparação, no caso do texto de Platão, a caverna não é, literalmente, uma caverna, mas representa o nosso mundo sensível, com seus preconceitos

¹⁵ PLATÃO. *A República*, 517b.

¹⁶ NUNES. Machado de Assis e a filosofia, p. 136.

¹⁷ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 431. O autor utiliza essa expressão ao se referir ao criado de Macedo: “Também o serviço era o mais sumário do mundo; o criado não era **amador de pássaro**.”

¹⁸ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 427.

¹⁹ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 427.

e confiança nos sentidos e opiniões,²⁰ representados pelos grilhões que aprisionam os habitantes. E assim por diante. Cada figuração recebe sua respectiva correspondência no mundo humano das sensações, já que o gênero de escrita platônica é essencialmente mimético. A interpretação de Sócrates, que segue a narrativa mítica, torna verossímil o artifício engendrado, o mito propriamente dito.

O mesmo não ocorre no texto de Machado. Ou, pelo menos, os narradores do conto não se incumbem de tirar a impressão que seu interlocutor tem de estar ouvindo “um caso extraordinário”.²¹ Pois um homem que, ao estudar um canário, conversa com o passarinho, quer saber dele sua opinião sobre o mundo que o cerca: “– Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que cousa é o mundo?”²² – não deve, com razão, ser julgado louco por seus companheiros? A paródia pode ser entendida aqui como alusão ao método socrático de perguntas e respostas, com eliminação das eventuais contradições – a dialética – utilizado na busca do conhecimento. As descobertas do cientista Macedo são decorrentes do diálogo com o canário, que assim o auxilia em sua pesquisa, respondendo às perguntas que lhe são feitas. Quase toda a narrativa é permeada por esse diálogo entre Macedo e o canário. Mas o passarinho não se limita a responder. Ele também pergunta, questiona, duvida, conclui. Confundem-se sujeito e objeto do conhecimento. “Todo eu era canário.”²³ – chega a dizer o segundo narrador, ao relatar os últimos passos de sua investigação. Com essa simples frase, o personagem Macedo quer sugerir a extrema dedicação nos estudos, enquanto o narrador machadiano deixa entrever tanto a alienação provocada pelo excesso de estudos quanto uma estreita ligação entre as experiências dos dois protagonistas da história, o pássaro e o ornitólogo.

O canário, tendo sido encontrado preso numa gaiola, dentro de uma loja escura com aspecto de abandono, é levado por Macedo à luz do sol, e vai ampliando seu campo de visão até escapar das grades e voar livremente pelo espaço infinito. Esta parece ser a linha central do conto, pois o movimento realizado pelo canário lembra a ascensão do filósofo até contemplar as ideias iluminadas pela luz (o sol). Mas o centro é ilusório. A aparente linearidade é enganosa, pois a narrativa se faz por espelhamentos e inversões de papéis. O canário seria o outro de Macedo, o qual conta sua história (narrador em primeira pessoa), cujo assunto foi introduzido antes por um personagem sem nome (narrador em terceira pessoa, no primeiro parágrafo do conto). As falas indicam o vaivém que caracteriza

²⁰ Chauí assim transpõe, esquematicamente, toda a simbologia do mito para o *lógos* filosófico: “A caverna, diz Platão, é o mundo sensível onde vivemos. A réstia de luz que projeta as sombras na parede é um reflexo da luz verdadeira (as idéias) sobre o mundo sensível. Somos os prisioneiros. As sombras são as coisas sensíveis que tomamos pelas verdadeiras. Os grilhões são nossos preconceitos, nossa confiança em nossos sentidos e opiniões. O instrumento que quebra os grilhões é a dialética. O prisioneiro curioso que escapa é o filósofo. A luz que ele vê é a luz plena do Ser, isto é, o Bem, que ilumina o mundo inteligível como o Sol ilumina o mundo sensível. O retorno à caverna para convidar os outros a sair dela é o diálogo filosófico. Os anos despendidos na criação do instrumento para sair da caverna são o esforço da alma, descrito na *Carta Sétima*, para produzir a ‘faísca’ do conhecimento verdadeiro pela ‘fricção’ dos modos de conhecimento. Conhecer é um ato de libertação e de iluminação.” CHAUI. *Introdução à história da filosofia*, v. 1, p. 195.

²¹ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 427.

²² ASSIS. *Idéias de canário*, p. 429.

²³ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 431.

esse jogo de espelhamento. Comparem-se estas passagens, respectivamente, do meio e do final da narrativa:

O canário, movendo a um lado e outro, esperava que eu lhe falasse. Perguntei-lhe então se tinha saudades do espaço azul e infinito...

– Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?

– Mas perdão, que pensa deste mundo? Que cousa é o mundo?

– O mundo, redargüiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior (...) Fora daí, tudo é ilusão e mentira.²⁴

Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele mundo composto de um jardim e repuxo (...)

– Que jardim? que repuxo?

– O mundo, meu querido.

– Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço azul e infinito, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior..

– De belchior? trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior?²⁵

No primeiro trecho, Macedo sugere ao canário que este teria perdido a liberdade de voar pelo espaço azul e infinito, que seria o mundo lá fora. O canário, fechado em sua prisão, tomando ares de professor, define o mundo como uma loja de belchior. No segundo trecho, é a vez do canário se referir ao mundo como um espaço azul e infinito com o sol por cima e de criticar em Macedo o mau hábito de ensinar.

A própria movimentação do pássaro, pulando de um lado a outro, marca a cadência do conto, o seu ritmo de ir e voltar ao mesmo lugar ou lugar nenhum. A metáfora da subida (ascensão) em direção ao conhecer e descida para ensinar os ignorantes é aqui reduzida a saltos inúteis de um minúsculo cérebro de ave. “Idéias de canário”. Um título que brinca com a Teoria das Ideias e com certas motivações dos estudos científicos, em geral. As conclusões e formulações da ciência e da filosofia são no mínimo simplórias, como nos ensina Machado, sempre num tom jocoso. O conto acaba quando o canário chega à teoria inicial do ornitólogo sobre o mundo: um espaço azul e infinito com o sol por cima. O único acréscimo é a palavra “sol”, lembrando o próprio canarinho, cor amarelo-luz, pequena idéia a iluminar toda a narrativa. Fora isso, nenhum avanço na investigação em curso, prova-se o que se quer provar. É quem diz isso é, por ironia, o objeto de estudo, que escapa, astutamente, ao observador.

Macedo percorre ao inverso a trajetória do pássaro, como se sua maneira de ver o mundo sofresse uma regressão, à medida que ele se fechava em sua casa para anotar suas observações, tornando-se alheio a tudo que viesse de fora:

Não tendo mais família que dous criados, ordenava-lhes que não me interrompessem, ainda por motivo de alguma carta ou telegrama urgente, ou visita de importância. Sabendo ambos de minhas ocupações científicas, acharam natural a ordem, e não suspeitaram que o canário e eu nos entendíamos (...).²⁶

²⁴ ASSIS. Idéias de canário, p. 429.

²⁵ ASSIS. Idéias de canário, p. 432.

²⁶ ASSIS. Idéias de canário, p. 430.

A consequência de tal isolamento? Nada mais nada menos que a enfermidade. “Não é mister dizer que dormia pouco, acordava duas e três vezes por noite, passeava à toa, sentia-me com febre”.²⁷ O retorno do ex-prisioneiro à caverna para auxiliar os antigos companheiros a se libertarem da prisão encontra uma variante corrosiva neste conto-canto paralelo. Macedo, o outro do canário, recusa-se a manter contato com o mundo humano das opiniões. A ciência o faz prisioneiro de si mesmo, levando-o à reclusão. “Nos últimos dias, não saía de casa, não respondia a cartas, não quis saber de amigos ou parentes.”²⁸ A doença o obriga a um quase desligamento do mundo exterior (como o canário na loja de belchior). “Um sábado, amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso; era excesso de estudo, não devia saber sequer o que se passava na cidade e no mundo.”²⁹

Pensar é estar doente dos olhos. Bem o quisera avisar o canário desde o início da conversação, quando Macedo começa a tecer conjeturas (hipóteses científicas?) sobre o passado da avezinha. “Quem quer que sejas tu, certamente não estás em teu juízo. Não tive dono execrável, nem fui dado a nenhum menino que me vendesse. São imaginações de pessoa doente; vai te curar, amigo...”³⁰

Fugindo o canário, levanta-se Macedo da cama e fica a par do acontecido. Enfim curado da moléstia, sai à procura da ave, refazendo, agora no mesmo sentido, o seu percurso:

Padei muito; felizmente, a fadiga estava passada, e com algumas horas pude sair à varanda e ao jardim. Nem sombra de canário. Indaguei, corri, anunciei, e nada. Tinha já recolhido as notas para compor a memória, ainda que truncada e incompleta, quando me sucedeu visitar um amigo, que ocupa uma das mais belas e grandes chácaras dos arrabaldes.³¹

O caminho interior da casa-varanda-jardim-chácara vizinha equivale ao trajeto loja de belchior-varanda-telhado-árvore que o canário percorre, primeiro dentro e depois fora da gaiola. Macedo se liberta de sua prisão – o olhar filosófico-científico, que cria um mundo além da realidade visível – podendo finalmente voltar a ver o mundo com olhos sãos.

A conexão entre movimento e espaço conduz o olhar do leitor a diversos pontos dos ambientes descritos no conto, como se pôde perceber pelas peripécias de Macedo e seu duplo (o canário). As imagens oscilam alternadamente acima e abaixo, para dentro e para fora. Os deslocamentos de subida ou descida, de entrada ou de saída são privilegiados pelo narrador, que coloca em jogo os pares de opostos aparência e essência, sensível e inteligível, e os movimentos de ascensão e “descenso” da dialética.

Só o início da narração de Macedo concentra uma série de palavras que apontam para esses deslocamentos, efetivos ou potenciais, conforme a intenção de assinalar a ação ou a inércia.

²⁷ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 430.

²⁸ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 430.

²⁹ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 431.

³⁰ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 428.

³¹ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 431.

No princípio do mês passado, – disse ele – indo por uma rua, sucedeu que um tálburi à disparada quase me **atirou ao chão**. Escapei **saltando para dentro** de uma loja de belchior. Nem o estrépito do cavalo, nem a minha **entrada fez levantar** o dono do negócio, que cochilava **ao fundo**, sentado numa cadeira **de abrir**. (...) ³²

O narrador – personagem de nome desconhecido – empresta ao evento um caráter de incidente, surpreendendo-nos com a rapidez e a violência com que somos levados junto com Macedo para o interior de sua “caverna”, como o prisioneiro para o exterior da caverna de Platão. É como se o autor dissesse, revelando o artifício de sua construção:

Quis o acaso que Macedo, andando por aí em um tálburi desgovernado – “carro de duas rodas e dois assentos, sem boléia, **com capota**, e tirado por um só animal” – fosse jogado, simultaneamente, para fora e para baixo do carro, saltando para dentro de uma loja de belchior – “mercador de objetos velhos e usados”. ³³ Nem o ruído estrondoso, nem o brusco movimento conseguem tirar o comerciante (habitante das profundezas da caverna) de sua letargia.

Ao descrever o ambiente estático da loja, o narrador interrompe o dinamismo da ação anterior, reduzida à movimentação do olhar de Macedo, que percorre, lentamente, o seu interior. O próprio “morador” parece compor o cenário, devido à total imobilidade e ao aspecto degradante em que se encontra:

(...) Era um frangalho de homem, barba cor de palha suja, a cabeça **enfiada** em um gorro esfarrapado, que provavelmente não achara comprador. Não se adivinhava nele nenhuma história, como podiam ter alguns dos objetos que vendia, nem se lhe sentia a tristeza austera e desenganada das vidas que foram vidas. ³⁴

A escuridão e a desordem reinam na caverna de belchior. Os objetos, ao contrário do dono do negócio, deviam ter uma história, pois eram velhos e gastos pelo uso, encobrindo o homem sem passado nem futuro que ali se achava. A única forma humana presente é tão “inanimada” quanto as demais formas. Machado chama a atenção do leitor para a disposição e a natureza dessas peças-palavras, material com que engendra sua escrita:

(...) Essa mistura, posto que banal, era interessante. Panelas sem tampa, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pêlo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um cão empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome, dragonas, uma bolsa de veludo, dous cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso e o mais que não vi ou não me ficou de memória enchia a loja nas imediações da porta, encostado, pendurado ou exposto em caixas de vidro, igualmente velhas. Lá para dentro, havia outras coisas mais e muitas, e do mesmo aspecto, dominando os objetos grandes, cômodas, cadeiras, camas, uns por cima dos outros, perdidos na escuridão. ³⁵

A maioria dos objetos descritos serve para guardar, encerrar ou acomodar algum conteúdo que fica oculto em seu interior, ou então é parte isolada desses objetos, com a

³² ASSIS. *Idéias de canário*, p. 427.

³³ Cf. os verbetes “tálburi” e “belchior”. In: HOLANDA. *Novo dicionário da língua portuguesa*.

³⁴ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 427.

³⁵ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 427-428.

função de fechá-los: painéis, sapatos, saia, chapéus, caixilhos, casacas, chinelas, luvas, vasos, máscaras, tampas, botões, fechaduras. Um grupo menor de objetos serve para suspender ou alcançar certa altura ou distância, pela pontaria ou pela visão: cabides, bodoque, binóculos. Vários desses utensílios se encontram perto da porta, pendurados ou expostos em caixas de vidro, que a vista alcança sem dificuldade. Ao fundo, avistam-se ainda outras coisas, por terem bom tamanho: cômodas, cadeiras e camas, umas por cima das outras. A variedade de texturas – materiais de palha, pelo, veludo, arame – também é percebida pelo olhar atento de Macedo, que enxerga as coisas através da claridade que emana da entrada da loja. Objetos de antigo valor: um florete, dragonas, um retrato litografado pelo finado Sisson,³⁶ estão dispostos, lado a lado, com um cão empalhado e um tabuleiro de jogo de azar (o gamão), mostrando a bagunça e o aspecto de desolamento do lugar e confirmando o caráter lúdico dessa combinação engenhosa de formas (palavras), análogas às sombras na parede da caverna.

Quando ia sair da loja, Macedo se depara com uma gaiola velha pendurada na parede, contendo um ser vivo dentro, que pulava: era o canário. As figuras voltam agora a se agitar por si mesmas no espaço. O autor abusa da retórica para assinalar o contraste entre este novo quadro e o anterior, que se apaga da memória do leitor com a aparição da ave, como se apagaram da memória do narrador as imagens sem importância de objetos perdidos na loja. Também se manifestam as suposições de Macedo sobre a história do canário: “A cor, a animação e a graça do passarinho davam àquele amontoado de destroços uma nota de vida e de mocidade. Era o último passageiro de um naufrágio, que ali foi parar íntegro e alegre como dantes.”³⁷

Os saltos do bichinho surgem como um raio de sol brincando no meio de um cemitério. Parecia que ele queria mostrar isso mesmo, aumentando a distância de seus pulos, diante do olhar de Macedo. Mas o próprio narrador corrige essa ilusão de ótica: “(...) Não atribuo essa imagem ao canário, senão porque falo a gente retórica.”³⁸ O narrador se dirige, ironicamente, ao leitor amante do belo discurso.

Macedo então murmura, contrariado, algumas palavras, em tom de indignação:

– Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis? Ou que mão indiferente, não querendo guardar esse companheiro de dono defunto, o deu de graça a algum pequeno, que o vendeu para ir jogar numa quiniela?³⁹

O narrador faz o canário quedar-se em cima do poleiro, atraindo a atenção do leitor para a fala do pássaro, que sai num trilo – “articulação rápida e alternada de duas notas seguidas”.⁴⁰ Ouvindo a réplica do animalzinho, sem ter tido tempo de se espantar, Macedo fala de sua visão do cemitério e do raio de sol. O canário elogia a beleza das imagens, apesar de não lhes compreender o significado: “Não sei que seja sol nem cemitério. Se os canários

³⁶ Segundo John Gledson, “Sébastien Sisson produziu, em 1859, uma série de litografias, a “Galeria dos Brasileiros Ilustres”, que se fez muito conhecida.” ASSIS. *Idéias de canário*, p. 428.

³⁷ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 428.

³⁸ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 428.

³⁹ ASSIS. *Idéias de canário*, p. 428.

⁴⁰ Confirma o verbete “trilo”, ou “trinado”. In: HOLANDA. *Novo dicionário da língua portuguesa*.

que tens visto usam do primeiro desses nomes, tanto melhor, porque é bonito, mas estou que confundes.”⁴¹ O narrador compartilha essa admiração, separando a linguagem do canário de suas idéias. “Pasmado das respostas, não sabia que mais admirar, se a linguagem, se as idéias. A linguagem, posto me entrasse pelo ouvido como de gente, saía do bicho em trilos engraçados.”⁴²

As frequentes inversões de pontos de vista também seguem o movimento de vaivém da narrativa. O comerciante, dono do negócio, é, do ponto de vista de Macedo, o último dono do canário, antes de ele próprio tomar posse da ave. Já para o passarinho, o mundo é propriedade dos canários, e o homem sentado na cadeira é seu servidor, pois lhe dá água e comida regularmente. Macedo compra o canário ao negociante, que vem atendê-lo “arrastando os pés”,⁴³ e lhe conta tê-lo adquirido de um barbeiro, junto com uma coleção de navalhas em muito bom uso. O canário continua a crer-se senhor do mundo, ou porque não se entendesse com o velho, dono da loja, da mesma maneira que não se entendeu com o criado de Macedo encarregado de tratá-lo, “(...) como se soubesse que a esse homem faltava qualquer preparo científico”,⁴⁴ ou por não dar crédito às ideias dos humanos. São possibilidades de leitura que o narrador, implicitamente, nos oferece.

A definição de mundo do canário vai sofrendo, porém, algumas retificações, juntamente com a linguagem, acompanhando a mudança de gaiola. A primeira, “uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga”,⁴⁵ na loja de belchior. A segunda, “uma gaiola vasta, circular, de madeira e arame, pintada de branco”,⁴⁶ comprada por Macedo e colocada em sua varanda. A gaiola não muda só de tamanho, pois a nova forma também amplia o espaço interno, permitindo ao canário saltar mais alto, ou descrever curvas mais suaves, próximas do voo. O material torna-se mais leve, a cor mais clara, diminuindo os entraves da visão. As fronteiras que separam o dentro e o fora vão se diluindo, até sumirem por completo. Ao mesmo tempo, o ornitólogo vai desenvolvendo seu trabalho. A ciência e a filosofia platônica são tratadas com humor por Machado.

Era meu intuito fazer um longo estudo do fenômeno, sem dizer nada a ninguém, até poder assombrar o século com a minha descoberta. Comecei por alfabetar a língua do canário, os sentimentos estéticos do bicho, as suas idéias e reminiscências. Feita essa análise, filológica e psicológica, entrei propriamente na história dos canários, na origem deles, primeiros séculos, geologia e flora das ilhas Canárias, se ele tinha conhecimento da navegação, etc. Conversávamos longas horas, eu escrevendo as notas, ele esperando, saltando, trilando.⁴⁷

A mania de grandeza e a necessidade de fama e reconhecimento dos cientistas são levadas ao ridículo. A preocupação excessiva com a classificação, visando ao rigor, contrasta com a arbitrariedade dos procedimentos e conclusões. Vários ramos do conhecimento são enumerados ou estão subentendidos na narração: linguística, filologia,

⁴¹ ASSIS. Idéias de canário, p. 429.

⁴² ASSIS. Idéias de canário, p. 429.

⁴³ ASSIS. Idéias de canário, p. 429.

⁴⁴ ASSIS. Idéias de canário, p. 431.

⁴⁵ ASSIS. Idéias de canário, p. 429.

⁴⁶ ASSIS. Idéias de canário, p. 430.

⁴⁷ ASSIS. Idéias de canário, p. 430.

psicologia, história, arqueologia, geologia, biologia. A origem ou o habitat natural do canário são atribuídos às Ilhas Canárias, nos mares de Espanha, daí os possíveis conhecimentos do bicho sobre navegação. O narrador, numa etapa posterior da pesquisa de Macedo, ao se referir ao canário, pronuncia já o fracasso de sua investigação científica: “(...) certas conclusões, que tinham me parecido simples, vi que eram temerárias.”⁴⁸ Logo em seguida acrescenta, manifestando novamente o sonho de homem célebre:

(...) Não podia ainda escrever a memória que havia de mandar ao Museu Nacional, ao Instituto Histórico e às universidades alemãs, não porque faltasse matéria, mas para acumular primeiro todas as observações e ratificá-las. (...)⁴⁹

A explicação para essas emendas denuncia a linguagem como obstáculo para a comunicação exata: “(...) Retifiquei mais de uma observação, – ou por havê-la entendido mal, ou porque ele não a tivesse expressado claramente. (...)”⁵⁰

Certo palavreado do narrador ecoa, de longe ou de perto, a filosofia platônica, a Teoria das Ideias, o mito da caverna, o método dialógico socrático: “as relações com a música, os sentimentos estéticos do bicho, suas idéias e reminiscências”.⁵¹

A música, disciplina fundamental na paideia platônica, está presente em todo o diálogo, ressoando em trilos engraçados.

Pode-se concluir, após tantas digressões, que a paródia ao mito da caverna representa, no conto, um questionamento de toda a tradição filosófica que propõe uma visão metafísica do mundo, bem como da ciência moderna, procedente dos caminhos tomados pela razão e pela filosofia. A Teoria das Ideias concebe um ser situado além da realidade terrena, além das aparências: as Idéias. Como todo projeto metafísico,⁵² este se define pela busca dos princípios primeiros, de uma ciência absoluta, totalmente racional, sem mistura com as sensações, justamente pelo objeto dessa busca, o Ser ou Bem supremo. Platão procurava com ele responder a uma questão essencial do espírito humano, a do fundamento e da origem de seu próprio pensamento, e de sua relação com as coisas.

O ornitófilo Macedo, que também aspira a um conhecimento científico, nada encontra, pois, além do que os olhos do corpo podem ver, tudo é ilusão e mentira. O espírito de canário bem o sabia, e tentou em vão adverti-lo. Mesmo depois de alçar “altos vôos”, ele retorna falando ainda deste mundo, com seu sol por cima.

Passeando pela caverna de Platão, como Alcibíades em sua visita à casa do espiritista, Machado experimentou talvez uma sensação de familiar estranheza, ao entrar em contato com esse mundo muito antigo; e eis que, ao dar voz a certo canário, nos guia então o olhar para um mundo de aparências e enganos, onde a luz deixa entrever seres fictícios, sombras destituídas de vida própria, mas às quais cada leitor atribui um sentido que lhe apraz ou lhe convém, ditado pelas tendências do contexto em que vive: sinais de seu tempo?



⁴⁸ ASSIS. Idéias de canário, p. 431.

⁴⁹ ASSIS. Idéias de canário, p. 431.

⁵⁰ ASSIS. Idéias de canário, p. 430.

⁵¹ ASSIS. Idéias de canário, p. 430.

⁵² Cf. verbete *metaphysique*. In: *ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS*.

ABSTRACT

The objective of this work consists in analysing the Machado de Assis' s "Idéias de canário", in which the author presents a no metaphysics vision of the world, through a humoristic recreation of Plato' s myth of the cavern.

KEYWORDS

Myth of Cavern, Science, Humor, Ceticism,
Machado de Assis

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.
- ASSIS, Machado de. Idéias de canário. In: _____. *Contos – uma antologia*, v. 2; seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 421.p.
- BORGES, Jorge Luiz. Pierre Menard, autor do Quixote. In: _____. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Abril, 1972. 189 p. p. 47-58.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. O estilete que faz escrita. In: _____. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1996. 150 p.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia*, v. 1: *Dos pré-socráticos a Aristóteles*, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS, v. 10, Paris, 1985.
- HOLANDA, Aurélio Buarque F. de. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.
- NUNES, Benedito. Machado de Assis e a Filosofia. In: _____. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993. p. 129-144.
- PLATÃO, *A república, Livro VII*. 2. ed. Tradução do francês de Elza Moreira Marcelina. Brasília: Editora UNB, 1996. 117 p.
- REALE, Giovanna. "Mito" e "logos" em Platão. In: _____. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 1994. v. 2 p. 40-44.